



RELICI

PARA BERTA, COM AMOR: DOCUMENTÁRIO COMO FERRAMENTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA¹

*FOR BERTA, WITH LOVE: DOCUMENTARY AS A TOOL FOR SCIENTIFIC
DISSEMINATION AND MEMORY PRESERVATION*

Bianca França²

Ollivia Maria Gonçalves³

RESUMO

O artigo analisa o documentário independente *Para Berta, com amor*, baseado na tese da historiadora Bianca França. O filme celebra a relevância de Berta Gleizer Ribeiro na antropologia brasileira e nos estudos das culturas indígenas. A produção, realizada durante a pandemia de Covid-19, combina entrevistas, arquivos e uma trilha sonora simbólica impactando positivamente em projetos de letramento científico. Este artigo ressalta o papel do audiovisual na divulgação científica e preservação da memória de intelectuais brasileiros.

Palavras-chave: documentário histórico, divulgação científica, musicologia, letramento científico infantil

ABSTRACT

This article analyzes the independent documentary *Para Berta, com amor* (For Berta, with love), based on the thesis of historian Bianca França. The film celebrates the relevance of Berta Gleizer Ribeiro in Brazilian anthropology and in the study of indigenous cultures. The production, made during the Covid-19 pandemic, combines interviews, archives, and a symbolic soundtrack, positively impacting scientific literacy projects. This article highlights the role of audiovisual in scientific dissemination and preserving the memory of Brazilian intellectuals.

Keywords: historical documentary, scientific dissemination, musicology, children's scientific literacy

¹ Recebido em 19/01/2025. Aprovado em 16/02/2025. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.1497669

² Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. bianca.castro.franca@gmail.com

³ Universidade Federal de Santa Catarina. ollivia.maria.goncalves@gmail.com



RELICI

INTRODUÇÃO

“O cinema é um modo divino de contar a vida.”
Federico Fellini (Entrevista – 1987)

O presente artigo visa analisar o processo de produção e divulgação do documentário independente *Para Berta, com amor*, produzido e dirigido pela historiadora Prof^a. Dr^a. Bianca Luiza Freire de Castro França, com narração e trilha sonora da antropóloga e musicóloga, mestra e doutoranda da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Ollivia Maria Gonçalves, e montagem e edição da Arte e Vídeo Produtora.

O documentário tem 48 minutos e aborda a vida e obra da antropóloga romena naturalizada brasileira, Berta Gleizer Ribeiro, através das memórias de seus amigos, ex-alunos e ex-colegas de trabalho. Visa homenagear Berta Ribeiro por ocasião de seu centenário, em outubro de 2024. Berta junto ao marido, o antropólogo e político brasileiro Darcy Ribeiro, dedicou sua vida e obra aos indígenas brasileiros através dos livros, coleções, exposições e filmes que produziu ao longo do século XX.

O documentário é desdobramento da tese de doutorado *Uma Civilização Vegetal: A contribuição de Berta G. Ribeiro para a Antropologia Brasileira no Século XX* (FRANÇA, 2023), defendida no Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC/FGV), em agosto de 2023. Lançado em novembro de 2023, no Congresso Scientiarum História 16 da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), conta com entrevistas gravadas em sua maioria por videoconferências durante a pandemia de Covid-19, entre 2021 e 2022, e traz trechos de entrevistas de Berta para programas de rádio e televisão, fotos inéditas e trechos do *making of* da animação *Gaín Pañan e a Origem da Pupunheira*, feita com base nas pesquisas de Berta Ribeiro entre os indígenas Desana do Alto Rio Negro, dirigida por Luiz Fernando Perazzo e que foi exibida no Festival Anima Mundi em 1996. As imagens e trechos de entrevistas utilizados no documentário foram doadas para o projeto pelas instituições de apoio: Fundação Darcy Ribeiro (FunDar); Museu dos Povos Indígenas do Rio de Janeiro; Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência



RELICI

(SBPC); Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) e acervos pessoais dos entrevistados, como o antropólogo Renato Athias.

O filme itinerou pelo Rio de Janeiro, com exposições na UFRJ; na Casa Amarela do Parque Anchieta; no Museu dos Povos Indígenas do Rio de Janeiro; no evento do Dia Nacional dos Povos Indígenas organizado pela Associação Indígena Aldeia Maracanã (AIAM) que aconteceu no Museu da República; e no Museu Casa Darcy Ribeiro em Maricá; no Maranhão, foi exibido no Centro Cultural Vale em parceria com o Museu Judaico de São Paulo; em Brasília, no Memorial Darcy Ribeiro (Beijódromo) na Universidade de Brasília (UnB) em parceria com a Fundação Darcy Ribeiro; e em Angola (África), indicado à 3ª Edição do Festival de Cinema Documental de Luanda (DOCLUANDA), representando o Brasil junto com mais três filmes brasileiros. O documentário também foi disponibilizado online no site do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM).

O presente trabalho visa a analisar o documentário e sua divulgação como ferramenta de divulgação científica, levando um tema de uma pesquisa de doutorado com concentração na História das Ciências Sociais no Brasil, para as massas (público infantojuvenil e todas as faixas etárias e níveis de formação educacional) através da linguagem audiovisual. E também analisa como a trilha sonora de um filme pode se tornar um importante personagem na divulgação científica.

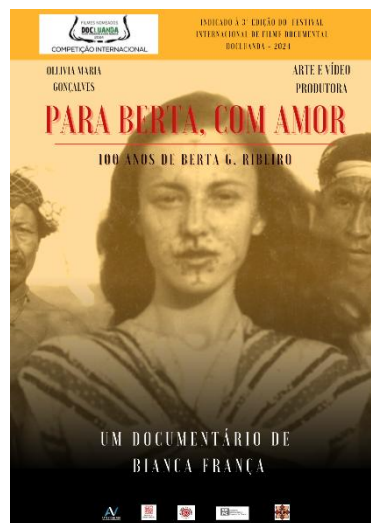


Figura 1. Cartaz do filme Para Berta, amor



RELICI

MAS AFINAL, QUEM É BERTA GLEIZER RIBEIRO?

Berta Gleizer Ribeiro (Beltz, Romênia, 02 de outubro de 1924 - Rio de Janeiro, Brasil, 17 de novembro de 1997) foi uma antropóloga romena, de origem judaica, naturalizada brasileira. Foi graduada em História e Geografia, na década de 1950, pela antiga Universidade do Distrito Federal, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); foi etnóloga e etnógrafa, doutora em antropologia pela Universidade de São Paulo (USP), na década de 1980; e também museóloga com registro profissional emitido no Conselho Regional de Museologia do Rio de Janeiro em 1986. Também foi professora do mestrado em Antropologia da Arte na Escola de Belas Artes da UFRJ, nas décadas de 1980 e 1990.

Foi esposa do também antropólogo e político brasileiro, Darcy Ribeiro, entre 1948 e 1974. Com ele, iniciou seus primeiros passos nos estudos sobre os indígenas brasileiros. Berta contribuiu muito para a antropologia de Darcy Ribeiro, além de ser a principal interlocutora de pesquisa de Darcy, realizou levantamentos arquivísticos, bibliográficos e museológicos, traduções, além de datilografar os textos e cuidar da editoração dos livros do marido. Junto com Darcy coordenou a edição da *Suma Etnológica Brasileira*, coletânea antropológica publicada em 1986 (RIBEIRO, Berta G.; RIBEIRO, Darcy, 1986a; 1986b; 1986c).



Figura 2. Berta Gleizer Ribeiro entre os Kadiwéu. 1948. Fonte: Museu dos Povos Indígenas. Fundo do Serviço de Proteção aos Índios (SPI)



RELICI

Berta contribuiu para a antropologia brasileira, no século XX, com estudos sobre cultura material e arte visual dos indígenas brasileiros, e estudos sobre adaptabilidade humana aos Trópicos Úmidos (MORAN, 1994).

Além disso, Berta oferece em sua obra informações práticas, necessárias para os estudos dos objetos encontrados nas aldeias e recolhidos aos museus. Não menos importante, ela demonstrou o quanto que os saberes dos povos indígenas têm a nos ensinar sobre sustentabilidade, o convívio com o meio-ambiente e o respeito à natureza. (FRANÇA, 2024, p. 2)

Destacam-se suas publicações *Diários do Xingu* (RIBEIRO, Berta G., 1979), o *Dicionário do Artesanato Indígena* (Ribeiro, Berta G., 1988); e *Os índios das águas pretas* (RIBEIRO, Berta G., 1995). Formou coleções para museus brasileiros, como o Museu Nacional e o Museu dos Povos Indígenas, no Rio de Janeiro; e o Museu Paraense Emílio Goeldi; produziu exposições nacionais e internacionais, como a exposição *A Itália e o Brasil Indígena* no Museu Pigorini na Itália (Ribeiro, Berta G., 1983a) e a exposição *Amazônia Urgente*, que em 1990 foi exibida no Hall da Estação de Metrô da Carioca de forma gratuita (RIBEIRO, Berta G., 1990).

Segundo Van Velthem *et. al.* (2023, p.174) “Berta Ribeiro trilhou diferentes caminhos que a conduziram a novas abordagens acerca dos conhecimentos indígenas, pois tinha interesse pela antropologia, a museologia, a arqueologia, a etnobiologia e a história.” Foi escritora produzindo muitos livros e artigos; e produtora de audiovisual tendo feito documentários sobre os indígenas Asurini e Araweté e contribuído com material de pesquisa para a animação *Gaín Panã e a Origem da Pupunheira*, como citado anteriormente.

Berta foi uma militante apaixonada da causa indígena e da divulgação científica tendo escrito livros destinados aos professores secundaristas, ainda na década de 1980, como *O índio na história do Brasil* (RIBEIRO, Berta G., 1983b) e *O índio na Cultura Brasileira* (RIBEIRO, Berta G., 1987), além de ter escrito artigos para as crianças na revista *Ciência Hoje* e *Ciência Hoje das Crianças* (RIBEIRO, Berta G. e T. KENHÍRI, 1987; 1991; RIBEIRO, Berta G., 1991).



RELICI

“UM CELULAR NA MÃO E UMA IDEIA NA CABEÇA”⁴: NOVAS METODOLOGIAS PARA NOVOS PROBLEMAS DE PESQUISA

O documentário foi gravado de abril de 2021 até dezembro de 2022. Inicialmente tratava-se da gravação de entrevistas de história oral para a tese de doutorado em andamento no PPHPBC/FGV. Como o primeiro ano de doutorado atravessou a pandemia de Covid-19, os arquivos estavam fechados para consulta presencial, apenas sendo possível consultar acervos online. Para conseguir abordar a vida e obra de Berta Gleizer Ribeiro, tema da pesquisa de doutorado supracitada, foi necessário utilizar, além dos arquivos digitais e da bibliografia pertinente, entrevistas de história oral com ex-colegas de trabalho de Berta no Museu Nacional e no Museu dos Povos Indígenas, ambos no Rio de Janeiro; ex-alunos da Escola de Belas Artes da UFRJ; amigos pessoais e interlocutores de campo, como o caso do Cacique Carlos Tukano, do povo Tukano do Amazonas.

As entrevistas foram feitas por aplicativo de videoconferência *Zoom*, gravadas e transcritas. Ao todo são mais de 15 horas de entrevistas gravadas. As entrevistas podem ser encontradas na íntegra nos apêndices da tese de doutorado disponível no repositório PPHPBC/FGV⁵.

A metodologia de pesquisa com entrevistas de história oral foi adotada em consonância com a tradição do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, que possui um Programa de Pesquisa em História Oral (ALBERTI, 2013; BLANK *et. al.*, 2023). A diretora do documentário *Para Berta, com amor*, foi ex-estagiária do Núcleo de Audiovisual e Documentário da Fundação Getúlio Vargas (NAD), durante a graduação em História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), entre os anos de 2013 e 2014, e utilizou as técnicas aprendidas durante o estágio, dez anos

⁴ Parafrazeando a célebre frase do cineasta brasileiro, Glauber Rocha: “Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão.”

⁵ Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/9f583d13-3734-46b9-b386-fba5c0cfed18>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025



RELICI

antes, para gravar as entrevistas. Além de criar métodos de gravação adaptados a partir de videoconferências.

O roteiro das entrevistas foi feito pensando em sanar questões da pesquisa de doutorado, compreendendo 21 perguntas gerais sobre a trajetória de Berta Ribeiro e a visão dos entrevistados sobre essa trajetória. Submetido e aprovado pela Comissão de Ética da FGV, o roteiro era composto pelas seguintes perguntas:

- Pergunta 1: Pedir ao entrevistado que se apresente com suas palavras (Nome, formação, vínculo institucional);
- Pergunta 2: Como conheceu Berta Ribeiro? Qual seu contato/relação com Berta Ribeiro?;
- Pergunta 3: Quem era? Como era Berta Ribeiro? (Espaço para o entrevistado falar aspectos de Berta e sua trajetória a partir de suas memórias, experiências, etc.);
- Pergunta 4: Como definiria o trabalho de Berta Ribeiro? Quais eram os interesses da mesma?;
- Pergunta 5: Qual a contribuição de Berta Ribeiro para a Antropologia Brasileira?;
- Pergunta 6: Berta tinha interesse pela Antropologia Ecológica?;
- Pergunta 7: Como se dava o trabalho de pesquisa de Berta? E suas publicações?;
- Pergunta 8: Como era a relação de Berta com os povos indígenas?;
- Pergunta 9: Como era a relação de Berta com os antropólogos de sua época? Quais eram suas influências?;
- Pergunta 10: Há influência de Berta Ribeiro no seu trabalho? Como se dá essa influência?;
- Pergunta 11: Sobre o casal Berta e Darcy Ribeiro, existiu influência do trabalho dele no trabalho; dela e vice-versa?;
- Pergunta 12: É possível separar teórica e metodologicamente o trabalho de Berta e Darcy Ribeiro?;
- Pergunta 13: Berta tinha alguma participação política? Ela militava para alguma causa? (Berta Ribeiro foi tutelada pelo Partido Comunista de SP em sua infância e juventude. E foi esposa de Darcy Ribeiro que foi político);
- Pergunta 14: Quais aspectos do trabalho de Berta devem ser ressaltados (Exposições, coleções, pesquisa de cultura material, pesquisa sobre técnica e tecnologia indígena, publicações, trabalho de campo com os indígenas, dando aulas e orientando etc.) – Aqui fica à cargo do entrevistado falar do que mais chamava atenção no trabalho de Berta.;
- Pergunta 15: Em sua opinião, por que Berta foi “esquecida” na história da Antropologia brasileira, apesar de sua contribuição?;
- Pergunta 16: Deixa alguma informação a mais sobre Berta. – Aqui o entrevistado fica livre para falar sobre Berta e o que se lembra. Trata-se de um espaço livre para recordações importantes.;
- Pergunta 17: (específica para os entrevistados do Museu do Índio) – Qual a influência da Berta no Thesaurus do Museu do Índio?;
- Pergunta 18: (específica para os alunos de Berta na UFRJ) – Como era Berta como professora e orientadora? Como era o curso que ela propunha de Antropologia da Arte?;



RELICI

Pergunta 19: (específica para amigos próximos) – Como era a relação de Berta com a irmã Jenny, que morava nos EUA? Elas possuíam alguma relação apesar da distância?;

Pergunta 20: (específica para amigos próximos) – Como era a relação de Berta com Darcy Ribeiro? (Antes e depois do divórcio em 1974);

Pergunta 21: (específica para os entrevistados do Museu Nacional) – Como era o trabalho de Berta no Museu Nacional? Por que ela não foi incorporada como professora no PPGAS/MN? Qual a influência do trabalho de Berta no Museu Nacional, mais precisamente no Setor de Etnologia, onde foi estagiária e pesquisadora?

Antes do início das entrevistas e do início das gravações, os entrevistados leram e assinaram um termo de autorização para o uso de suas imagens e das entrevistas na pesquisa de doutorado, bem como para a produção do documentário:

Eu fulano de tal autorizo, no dia tal do mês tal, do ano tal, o uso da minha entrevista e minha imagem para pesquisa de tese e edição de documentário por Bianca França do Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas.

Os vídeos foram preservados em um Drive em nuvem e também em HD 's externos.

Foram entrevistados: O Cacique Carlos Tukano, do povo Tukano do Amazonas, que foi interlocutor de Berta Gleizer Ribeiro em campo, junto aos “índios das águas pretas”; o artista plástico Francisco Oiticica, que foi aluno e orientando de Berta no Mestrado em Antropologia da Arte na Escola de Belas da UFRJ; a museóloga Ione Couto, que trabalhou com Berta no Museu dos Povos Indígenas no Rio de Janeiro e foi aluna de Berta na UFRJ; o antropólogo João Pacheco de Oliveira, que foi colega de trabalho de Berta no Museu Nacional; o antropólogo José Carlos Levinho, que foi diretor do Museu dos Povos Indígenas; o jornalista, professor, antropólogo, historiador e doutor em literatura comparada José Ribamar Bessa Freire, que conheceu Berta no exílio durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985); a antropóloga Lúcia Van Velthem, que foi amiga de Berta e estagiária do Museu Nacional; o antropólogo Marco Antônio Gonçalves, que foi amigo de Berta e estagiário do Museu dos Povos Indígenas; a antropóloga Maria Elizabeth Brea, Conselheira da Fundação Darcy Ribeiro e que foi auxiliar editorial de Berta no livro *Os índios das águas pretas* (RIBEIRO, Berta G., 1995); a socióloga Maria Stella Amorim, que foi



RELICI

amiga de Berta e cuidou dela até a morte. Maria Stella Amorim faleceu durante a pesquisa sobre Berta, concedeu entrevista em fevereiro de 2022 e faleceu em setembro do mesmo ano. A entrevista dela é um de seus últimos registros públicos. A tese de doutorado e o filme são dedicados à Stellinha. Também foram entrevistados a antropóloga Regina Polo Müller, que esteve com Berta em trabalho de campo entre os indígenas Asurini, e o antropólogo Renato Athias, que conheceu Berta, em trabalho de campo no Alto Rio Negro.

Após as gravações e transcrições das entrevistas para a tese de doutorado, houve a necessidade de adequar um roteiro próprio para o documentário. Para atender o ideal de um filme de média-metragem (entre 15 e 70 minutos), o documentário foi dividido em blocos temáticos abordando a trajetória de Berta através das memórias dos entrevistados. A opção feita foi por um fio narrativo que se assemelhasse a uma carta dos amigos, ex-colegas de trabalho, ex-alunos e interlocutores de campo para Berta Gleizer Ribeiro próximo de seu centenário. Foi dada preferência por trechos das entrevistas que exaltassem a figura de Berta de forma positiva e dando ênfase ao seu trabalho como antropóloga e sua contribuição para as Ciências Sociais brasileiras. Há também a existência de um arco dramático que encerra com o falecimento da antropóloga.

O documentário traz também trechos de entrevistas de Berta, permitindo que aqueles que assistam possam ter contato com a imagem da antropóloga em movimento, mas também sua voz que é pouco conhecida. O documentário dá voz e movimento à Berta Gleizer Ribeiro, que por muitos anos ficou conhecida apenas como “a mulher de Darcy”. Traz também trechos da animação *Gaín Panã e a Origem da Pupunheira*, e fotos de Berta em reuniões da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) poucos anos depois de sua criação, por Darcy Ribeiro e outros nomes, na década de 1950. Destacamos as narrações de trechos do livro póstumo de Darcy Ribeiro, *Confissões* (RIBEIRO, Darcy, 2012), nos quais ele fala de Berta, e que serão melhor exploradas à frente. E destacamos também o uso de encenação de Berta datilografando em sua máquina, a fim de complementar o arco dramático do filme.



RELICI

Todos os artifícios utilizados servem para elaborar uma “forma criativa de apreender a realidade” (GRIERSON, 1979, p. 8).

As imagens externas do documentário, como a fachada do Edifício Maíra onde Berta Ribeiro morou em Copacabana no Rio de Janeiro; o antigo cemitério israelita do bairro do Caju, também no Rio de Janeiro; o Museu dos Povos Indígenas e os objetos de Berta presentes no Museu, foram feitas com *smartphone*, gravadas com tripé de mão e com uso de lapela.

Apenas duas, das doze entrevistas presentes no documentário, não foram gravadas por videoconferência. Trata-se da entrevista de Maria Stella Amorim (feita em fevereiro de 2022 em sua residência) e do Cacique Carlos Tukano (feita no final do ano de 2022 no Museu dos Povos Indígenas). Ambas foram feitas com uso de *smartphone* e gravadas em *lócu*, devido ao avanço da vacinação para Covid-19 e a diminuição dos casos da doença.

As duras condições de produção do documentário, devido à falta de estrutura audiovisual e orçamentária, e às restrições epidêmicas, trouxeram como principais desafios à produção do documentário a qualidade das gravações de imagem por *Zoom*, que dependiam da qualidade de conexão de internet dos participantes, e que no final surpreenderam pela estabilidade alcançada apesar dos percalços. Também podemos apontar como dificuldades a questão das gravações externas com uso de *smartphone* que contaram com a ajuda da iluminação natural e estabilização manual da câmera. Todas as imagens externas foram feitas com autorização da administração do cemitério israelita e da equipe do Museu dos Povos Indígenas do Rio de Janeiro.

Superadas as dificuldades, durante a montagem e edição do documentário foi optado por manter possíveis problemas de gravação das entrevistas como travamentos, borrões de imagem, mudanças de luz, dentre outras questões, para que ficassem documentadas também as dificuldades impostas à produção audiovisual independente em tempos de emergências, como a crise sanitária vivida.



RELICI



Figura 3. Entrevista com o Cacique Carlos Tukano, feita no Museu dos Povos Indígenas do Rio de Janeiro. 2022.



Figura 4. Gravação dos objetos de Berta presentes na Reserva Técnica do Museu dos Povos Indígenas do Rio de Janeiro.

A produção do documentário *Para Berta, com amor*, exemplifica não apenas a relevância da história oral na preservação e divulgação do legado de Berta Gleizer Ribeiro, mas também a resiliência da pesquisa acadêmica em tempos de crise, como a pandemia de Covid-19. A metodologia adotada, que combinou entrevistas por videoconferência e registros locais, permitiu um acesso amplo e diversificado às vozes que cercaram a trajetória de Berta, refletindo sobre sua contribuição à antropologia brasileira. Ao reunir depoimentos de amigos, colegas e interlocutores, o documentário se torna uma poderosa ferramenta de reflexão e aprendizado, evidenciando os desafios da produção audiovisual em situações adversas. Mais do que um tributo à vida de uma grande pesquisadora, este projeto destaca a importância de manter viva



RELICI

a memória e o conhecimento, mesmo diante de restrições, reafirmando a necessidade humana de conexão, diálogo, cultura e lazer.

CINEMA DOCUMENTAL E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL

Segundo a Enciclopédia Barsa “o documentário é um gênero cinematográfico não ficcional, cujo objetivo é documentar o espectador sobre um determinado tema, normalmente de caráter científico, histórico ou social” (ENCICLOPÉDIA BARSA, 2010). O início do cinema se deu em 1895, quando os irmãos Louis e Auguste Lumière projetaram o filme *A chegada do trem na estação*⁶, pela primeira vez, em um café em Paris.

O filme considerado o primeiro documentário do mundo é *Nanook, o esquimó* de 1922⁷, do antropólogo norte-americano Robert Flaherty. Porém, o filme que retrata o cotidiano de uma família inuíte utilizou encenações, uma vez que os costumes retratados na época da filmagem já não existiam. Gonçalves (2022, p. 21), explica que

Flaherty apostava que a reprodução da vida social como encenação permitiria alcançar o “fato social” fazendo com que o espectador, mesmo percebendo a construção do fato social, apreendesse o filme como uma “verdade” fílmica.

A Prof^a Dr^a. Marília Franco para a disciplina *Documentário* ministrada na Escola de Comunicações e Artes da USP⁸, aponta que o termo *Documentário* foi usado pela primeira vez num artigo escrito pelo cineasta escocês John Grierson para o *Jornal New York Sun* em fevereiro de 1926. Tratava-se do texto Flaherty's *Poetic Moana*, que comentava sobre o filme *Moana*⁹, de 1926, também de Robert Flaherty. O termo Documentário foi emprestado do francês *documentaire* com o qual eram

⁶ **A chegada do trem na estação** (1895), de Louis e August Lumière. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RP7OMTA4gOE>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025

⁷ **Nanook, o Esquimó** (1922), de Robert Flaherty. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=g_rsKqoBrFY Acesso em: 29 de janeiro de 2025

⁸ Disponível em: <https://www.mnemocine.com.br/aruanda/grierson.htm#:~:text=O%20termo%20DOCUMENT%C3%81RIO%20foi%20usado,designados%20os%20filmes%20de%20viagem>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025

⁹ **Moana** (1926), de Robert Flaherty. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c-MITdeCYEY>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025



RELICI

designados os filmes de viagem. Grierson escreveu que sendo um relato visual da vida cotidiana dos jovens polinésios, o filme tinha valor documental. “*Of course Moana, being a visual account of events in the daily life of a Polynesian youth and his family, has documentary value.*” (GRIERSON, 192, p. 25)

O que é remarcável em *Moana* é que apresenta como sua essência uma narrativa ficcional evidenciada no plano-sequência antológico quando a câmera de Flaherty, em tempo real, se ajusta por três vezes consecutivas ao seguir o menino Pe'a trepando num gigantesco coqueiro, mas ao final o plano é subitamente interrompido por um corte em que vemos um plano-close de Pe'a girando o coco e jogando-o na praia. (GONÇALVES, 2022, p. 27)

Diante do exposto, podemos dizer, que o cinema nasce como documentário, afinal, os filmes dos irmãos Lumière relatam cenas do cotidiano francês. No Brasil, em 19 de julho de 1898, Affonso Segreto rodou o primeiro filme genuinamente nacional, no Rio de Janeiro. Tratava-se de um documentário com cenas da Baía de Guanabara, intitulado *Vista da Baía de Guanabara*.

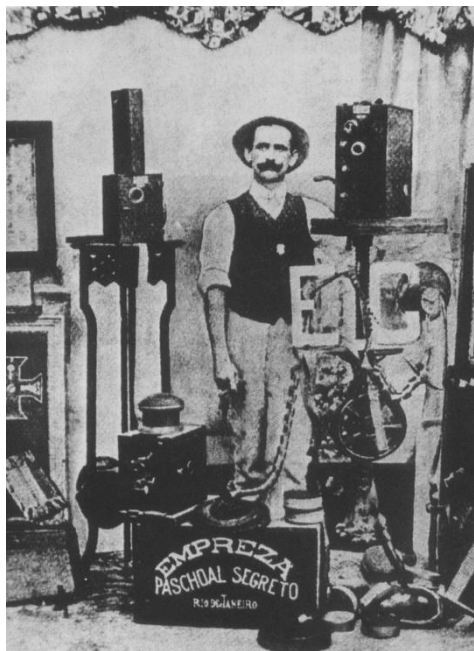


Figura 5. Affonso Segreto e os primeiros projetores da Empresa Paschoal Segreto. Fonte: Brasiliana Fotográfica. Biblioteca Nacional.

Assim como o Cinema, a Divulgação Científica nasce no século XIX. Em uma carta do astrônomo inglês John Herschel ao filósofo William Wheewel, em 1830, Herschel diz: “o público precisa de resumos de tudo o que é feito em cada área do



RELICI

conhecimento, para ter uma visão geral do que já foi feito e do que ainda está aberto.” Nesse começo da divulgação científica, ela era feita majoritariamente em revistas, como as norte-americanas *Science*, criada em 1880 e a *National Geographic*, criada em 1888.

No Brasil, a divulgação científica também nasce no século XIX, porém umas seis décadas antes do cinema. Segundo Gaglioni (2022), a divulgação científica começa oficialmente em 1835, com o lançamento da revista *Miscelânea Científica*, da Imprensa Literária e Científica do Rio de Janeiro. França (2015, p. 8) explica que,

Em entrevista publicada no primeiro volume da revista *Ciência Hoje*, em 1982, o decano do jornalismo científico no Brasil, José Reis (REIS, 2002:76), definiu a divulgação científica como a veiculação em termos simples da ciência enquanto processo, seus princípios estabelecidos e metodologias por ela empregada. Limitada, inicialmente, a contar ao público os aspectos interessantes e revolucionários da ciência, ao longo do tempo passou a refletir a intensidade de problemas sociais nela implícitos.

Américo e Pincelli (s/d, p. 4) explicam que a divulgação científica é encarada por Lima e Giordan (2014, p. 12) como meio de legitimação da comunidade científica frente ao público e como forma de aproximação entre a cultura científica e os que se encontram fora dela. Os cientistas e o público leigo são partes ativas do processo de encontro e reconhecimento entre cientistas e as massas.

Pereira *et. al.* (2021) afirmam que o documentário é um gênero audiovisual com potencial para divulgação científica, que pode ser utilizado como recurso didático em sala de aula. Segundo Palcha *et. al.* (2021, p. 2),

O uso de filmes para a divulgação de conhecimentos científicos também tem sua história. O cinema brasileiro, por exemplo, popularizou-se em meados de 1940 e na época houve uma grande produção de filmes de curta-metragem com a finalidade de divulgar Ciência e Tecnologia. Nesse contexto, destacam-se as obras produzidas pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), coordenado inicialmente pelo professor, cientista e antropólogo Roquette-Pinto (1884-1954), que utilizaram o cinema para favorecer o processo de ensino-aprendizado. Desde então, a inclusão do cinema na educação passou por inúmeros debates até que foi sancionada a Lei nº 13.006/2014¹⁰ tornando obrigatório o uso de filmes em escolas.

¹⁰ BRASIL. LEI Nº 13.006, DE 26 DE JUNHO DE 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13006.htm. Acesso em: 29 de janeiro de 2025



RELICI

Documentários científicos, ou de divulgação científica, constituem uma importante ferramenta de diálogo entre comunidade científica e sociedade (LEÓN, 2008). Porém, é preciso levar em consideração que os documentários por si só não constituem uma forma de representar a realidade, inclusive, os fins de uso dos documentários podem ser diversos e até espalhar desinformação, Palcha *et. al.* (2021) citam o exemplo do documentário *Vaxxed: from cover-up to catastrophe* (2016), de Andrew Wakefield, que tem características de documentário de divulgação científica, mas apresenta informações que destoam da comunidade científica acerca de vacinas. Ou seja, os autores afirmam que é preciso levar em conta as intenções por trás de cada produção, questionando o porquê e para que o filme foi realizado.

Portanto, podemos concluir que os documentários, ao longo da história desse gênero cinematográfico, desempenharam um importante papel na disseminação de conhecimento e na mediação entre a ciência e o público. Desde os primórdios do cinema, com os filmes dos irmãos Lumière, até as produções contemporâneas, o gênero documental tem sido uma ferramenta potente de comunicação científica e social. No entanto, como apontam os autores citados anteriormente, é essencial reconhecer que os documentários, apesar de sua aparência de objetividade, podem incorporar encenações e interpretações subjetivas da realidade. Assim, a credibilidade e o impacto de um documentário de divulgação científica estão diretamente ligados às intenções dos produtores e ao rigor das informações apresentadas. É necessário, portanto, questionar sempre o contexto e os objetivos de cada produção, sobretudo no cenário contemporâneo onde desinformação e ciência coexistem, ainda que de lados opostos. O uso responsável de documentários em ambientes educacionais, como previsto na Lei nº 13.006/2014, reforça seu valor didático, mas exige também uma análise crítica para que seu potencial de esclarecimento não seja comprometido por interesses alheios ao rigor científico.



RELICI

A TRILHA SONORA COMO UM PERSONAGEM DO DOCUMENTÁRIO

A trilha sonora de *Para Berta com Amor* foi criada com o objetivo de transcender a função de um mero acompanhamento musical, tornando-se um elemento central na narrativa cinematográfica e um importante veículo de divulgação científica. Ao compor a trilha, Ollivia partiu de um elemento essencial da narrativa: a relação de Berta Ribeiro com sua máquina de escrever, um instrumento simbólico de sua vida intelectual e de sua contribuição para a antropologia. O som da máquina, simulado de forma criativa com um *bowl* de cristal, serviu como ponto de partida para desenvolver uma linha musical que ressoasse com as camadas de significado presentes em sua obra. Esse som não apenas evoca a materialidade do trabalho etnográfico, mas também tece uma conexão sensorial com o público, criando uma ponte entre o rigor científico e a experiência emocional.

De acordo com os *Sensorial Studies* (HOWES, 2003), os sentidos desempenham um papel fundamental na forma como experimentamos e compreendemos o mundo, sendo a música um meio poderoso de mediar experiências sensoriais e culturais. A música da trilha sonora, ao simular o ritmo da escrita e dos pensamentos de Berta, permite que o público se engaje de maneira sensorial e afetiva, criando uma experiência imersiva. Esse conceito está alinhado com a ideia de que o som, quando cuidadosamente composto, pode gerar afeto — conforme discutido por Clough e Halley (2007) em *The Affective Turn* —, permitindo que o público não apenas compreenda, mas sinta as dimensões emocionais da ciência e da pesquisa antropológica. Como sugere Gorbman (1987), a trilha sonora pode operar como uma narrativa invisível, guiando o espectador através de sentimentos e atmosferas que complementam o conteúdo visual.

No contexto da divulgação científica, a trilha sonora pode facilitar o engajamento emocional, permitindo que o público acesse conceitos antropológicos complexos por meio de uma experiência sensorial (BUCCHI e TRENCH, 2008). Ao integrar o som e o afeto, a música torna-se não apenas um elemento de apoio, mas



RELICI

um verdadeiro personagem, enriquecendo a forma como a vida e a obra da antropóloga são apresentadas e experimentadas.

Emprestando a voz para Darcy Ribeiro: narrações por uma pesquisadora e mulher trans

Emprestar a voz como mulher transsexual e antropóloga para narrar as impressões de Darcy Ribeiro sobre Berta em um documentário foi uma experiência que transcendeu o simples ato de leitura. A escolha de uma narradora trans reflete uma expansão das vozes que podem ocupar espaços de memória, adicionando camadas de significado e emoção a essa troca epistolar.

A voz é um veículo poderoso de afeto e subjetividade (ABU-LUGHOD, 1991), e, como antropóloga, Ollivia reconhece o potencial transformador que reside em quem carrega essa voz. Ao narrar essas cartas com emoção, é possível sentir que estava trazendo não apenas o conteúdo literal dos textos, mas também uma nova dimensão interpretativa, onde a identidade e experiência como mulher trans influenciavam a ressonância das palavras. Inspirada pela ideia de que as histórias podem ser recontadas por corpos e vozes que desafiam normas hegemônicas (HALBERSTAM, 2018), a antropóloga buscou, através dessa performance, reconstruir os laços de afeto e memória entre Darcy e Berta, ao mesmo tempo em que reafirmava a importância de inserir corpos trans na narrativa histórica e cultural. Este gesto é uma afirmação de que o ato de lembrar e narrar pode, e deve, ser realizado por quem também foi historicamente excluído dos espaços de poder e de representatividade. Assim, ao narrar essas memórias de Darcy Ribeiro, não apenas é comunicado um conteúdo, mas também incorporada uma nova perspectiva à história, ampliando as possibilidades de quem pode contar e como essas histórias podem ser contadas.



RELICI

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PARA CRIANÇAS E LETRAMENTO CIENTÍFICO NO ENSINO BÁSICO: O CASO DO E.D.I. JOSÉ DA SILVA ARAÚJO

No dia 20 de abril de 2024, ao final do Cine Debate com exibição do documentário *Para Berta, com amor* no evento do Dia Nacional dos Povos Indígenas, organizado anualmente pela Associação Indígena Aldeia Maracanã (AIAM), a professora Patrícia Braga do Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) José da Silva Araújo, no Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro, que se encontrava entre o público que assistiu o documentário, procurou a diretora do filme, Bianca França, e se apresentou como professora do Ensino Público do Município do Rio de Janeiro perguntando, após saber que o filme estava disponível online e gratuitamente, se poderia exibi-lo para seus alunos. Com a autorização, ambas trocaram contato e assim começou um trabalho muito interessante de divulgação científica e letramento científico na educação infantil.

A professora Patrícia exibiu o documentário para seus alunos com idades entre 5 e 6 anos, que se “apaixonaram” pela história de Berta Gleizer Ribeiro a ponto de decorar e contar a história da antropóloga várias e várias vezes para seus responsáveis. Alguns alunos, após contato com a trajetória de Berta, disseram que quando crescerem querem ser antropólogos, pesquisadores e professores.

Patrícia e seus alunos, ao longo de cinco meses de trabalho, adaptaram o filme *Para Berta, com amor* para uma apresentação de dança. Sob o lema “Quase todo o Brasil cabe nessa foto”, fazendo alusão à famosa foto de Berta Ribeiro entre os Kadiwéu, criaram uma apresentação que dialogava com a trajetória de Berta, sua obra e militância pelos direitos dos povos indígena brasileiros e com temas atuais do Movimento Indígena, como o movimento *Demarcação Já*¹¹ e o retorno do Manto

¹¹ O movimento *Demarcação Já* é pauta da luta indígena no Brasil, e visa a demarcação de territórios tradicionalmente ocupados por esses povos indígenas. A demarcação é um processo administrativo que identifica e sinaliza os limites dessas terras, e é regulamentada pelo Decreto nº 1775/96. O movimento *Demarcação Já* tem como principais bandeiras a luta pela terra e a urgência de demarcar os territórios para romper o genocídio, em curso, dos povos indígenas no Brasil. Para saber mais ver no site da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), disponível em:



RELICI

Tupinambá ao Brasil¹². A equipe do EDI José da Silva Araújo confeccionou uma réplica do Manto Tupinambá e também uma aluna se apresentou vestida de Berta Ribeiro, com uma réplica do vestido usado na foto entre os Kadiwéu.

No *release* da apresentação, que ocorreu no dia 25 de setembro de 2024, no Centro Coreográfico do Rio de Janeiro, no bairro da Tijuca, Patrícia resume a apresentação como:

Nossa dança vem mostrar a contribuição de Berta Ribeiro, uma pesquisadora à frente de seu tempo. Antropóloga, etnóloga, museóloga, apaixonada pelos povos indígenas brasileiros, que desenvolvia suas pesquisas acadêmicas a partir do contato direto com diversas etnias indígenas. Autoridade em cultura material dos povos originários brasileiros, defendia a demarcação territorial como podia. Contribuiu com a fundação do Memorial dos Povos Indígenas em Brasília (Museu do Índio de Brasília), escreveu livros e artigos científicos não só para adultos, mas também para crianças, na revista infantil *Ciência Hoje*.

Esse ano comemoramos o centenário de Berta Ribeiro, uma mulher cientista que preparou o terreno lá nos anos 1980, quanto à sistematização dos saberes indígenas brasileiros. E para celebrar a importância dessa diva, nós do EDI José da Silva Araújo iremos dançar a tese de doutorado da Historiadora Bianca França, que como uma onça escreve, defende e leva a História de Berta para os quatro cantos do mundo!

A integração das artes, como o cinema, a música e a dança contribuem em vários quesitos na divulgação científica para crianças: contribui para a atração e engajamento das crianças, uma vez que artes como música e cinema tornam a ciência mais acessível e despertam a curiosidade; facilita a compreensão, pois as artes ajudam a simplificar conceitos científicos complexos, facilitando assim a retenção das informações; estimula a criatividade através da associação entre arte e ciência, incentivando o pensamento criativo e as conexões interdisciplinares; contribui para o desenvolvimento de habilidades sociais, uma vez que atividades artísticas em grupo promovem a colaboração e a comunicação; dessa forma, contribui também para a exploração das emoções, permitindo que as crianças expressem suas emoções relacionadas aos temas científicos, enriquecendo o aprendizado (prova disso, é o

<https://apiboficial.org/2022/07/24/jornada-nacional-luta-pela-vida-demarcacao-ja/>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025

¹² Para saber mais sobre o retorno do Manto Tupinambá ao Brasil, ver Fares (2024)



RELICI

carinho que as crianças desenvolveram por Berta Ribeiro ao longo do processo de pesquisa e criação da coreografia); por último, e tão importante quanto, promove a inclusão e a diversidade, uma vez que as artes refletem diferentes culturas, como a cultura indígena com a qual as crianças tiveram contato, tornando a ciência mais inclusiva. Essas interações enriquecem o aprendizado e contribuem para a formação de cidadãos mais críticos, reflexivos e criativos.



Figura 6. Apresentação do EDI José da Silva Araújo “Quase todo mundo cabe nessa foto”. Centro Coreográfico do Rio de Janeiro, setembro de 2024.

A experiência com as crianças do EDI José da Silva Araújo revela a importância do letramento científico no desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas.

Entende-se como letramento científico a capacidade de empregar o conhecimento científico para identificar questões, adquirir novos conhecimentos, explicar fenômenos científicos e tirar conclusões baseadas em evidências sobre questões científicas. Também faz parte do conceito de letramento científico a compreensão das características que diferenciam a ciência como uma forma de conhecimento e investigação; a consciência de como a ciência e a tecnologia moldam nosso meio material, cultural e intelectual; e o interesse em engajar-se em questões científicas, como cidadão crítico capaz de compreender e tomar decisões sobre o mundo natural e as mudanças nele ocorridas. O letramento científico refere-se tanto à compreensão de conceitos científicos como à capacidade de aplicar esses conceitos e pensar sob uma perspectiva científica. (INEP (s/d)).

Esse letramento prepara os estudantes para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo, capacitando-os a analisar informações, questionar dados e



RELICI

compreender o método científico. Assim, formam-se cidadãos críticos, aptos a tomar decisões sobre questões que impactam suas vidas, como: saúde, meio ambiente e tecnologia.

Estudantes com letramento científico têm maior capacidade de discernir entre informações confiáveis e enganosas. A educação científica estimula o pensamento crítico, permitindo que avaliem argumentos, identifiquem falácias e desenvolvam raciocínio lógico. Essas habilidades são transferíveis e úteis em diversas áreas do conhecimento e na vida cotidiana, preparando os alunos para se tornarem solucionadores de problemas eficazes. Em um contexto de sobrecarga informativa, onde dados e estatísticas são abundantes, o letramento científico contribui para a interpretação de informações de forma adequada. Essa habilidade é importante para a participação consciente na sociedade, ajudando os alunos a discernir entre dados confiáveis e informações distorcidas.

Segundo Amorim (2022), o letramento científico precisa fazer parte do desenvolvimento integral da criança, porque o mundo científico não está isolado do processo de constituição do indivíduo. O mundo científico pertence à estrutura de tudo o que nos cerca e, de forma significativa, na formação do sujeito e na construção de sua identidade e subjetividade.

O ensino de ciências promove a curiosidade natural das crianças. Ao explorar fenômenos, formular hipóteses e realizar experimentos, os alunos se tornam mais engajados e motivados, cultivando uma atitude positiva em relação à ciência. Essa curiosidade é a base para uma educação contínua e uma busca incessante pelo conhecimento. Além disso, o letramento científico permite que os alunos relacionem conceitos científicos à sua realidade cotidiana, tornando o aprendizado mais significativo e relevante. Ao perceberem a aplicação prática da ciência, sentem-se mais motivados e preparados para enfrentar questões do dia a dia.

No mundo atual, muitas profissões exigem um entendimento básico de princípios científicos e tecnológicos. O letramento científico na Educação Básica prepara os alunos para carreiras em várias áreas em um mercado de trabalho em



RELICI

constante evolução. Segundo LORENZETTI e DELIZOICOV (2001, p. 49) “aumentar o nível de entendimento público da Ciência é hoje uma necessidade, não só como um prazer intelectual, mas também como uma necessidade de sobrevivência do homem.” Um ensino de ciências acessível e envolvente também pode contribuir significativamente para a inclusão social, ajudando a reduzir desigualdades. O letramento científico empodera comunidades marginalizadas, promovendo acesso ao conhecimento e à informação, fundamentais para o desenvolvimento social e econômico.

Integrar o letramento científico na Educação Básica é, portanto, essencial para formar indivíduos bem-informados e preparados para os desafios do século XXI. Por meio da ciência, os alunos não apenas aprendem sobre o mundo, mas também se tornam pensadores críticos e cidadãos ativos. Essa formação é fundamental para construir uma sociedade mais justa, informada e sustentável. Investir no letramento científico é, assim, investir no futuro das próximas gerações.

Diante do exposto, podemos concluir que a experiência da professora Patrícia Braga e seus alunos do EDI José da Silva Araújo exemplifica como a integração do letramento científico com as artes pode transformar o aprendizado em algo significativo e inspirador. A exibição do documentário *Para Berta, com amor* não apenas despertou o interesse das crianças pela trajetória de Berta Ribeiro, mas também as motivou a explorar temas cruciais sobre a cultura indígena e a ciência de forma lúdica e envolvente. A apresentação de dança, que conectou a história de Berta com questões contemporâneas do Movimento Indígena, evidencia o poder das artes na educação: elas tornam conceitos complexos acessíveis e estimulam a criatividade e a colaboração. Ao nutrir a curiosidade e a empatia dos alunos, essa abordagem promove não apenas o entendimento científico, mas também a formação de cidadãos críticos e conscientes. Portanto, iniciativas como essa são fundamentais para construir uma sociedade mais inclusiva e informada, preparando as novas gerações para enfrentar os desafios do futuro. Investir no letramento científico é, assim, garantir um amanhã mais justo e sustentável para todos.



RELICI

REFLEXÕES POSSÍVEIS

A partir do artigo apresentado, podemos concluir que o documentário *Para Berta, com Amor* desempenha um papel importante na divulgação científica, destacando a vida e a obra da antropóloga Berta Gleizer Ribeiro. O filme consegue conectar a história das Ciências Sociais no Brasil ao público contemporâneo por meio de uma linguagem acessível, sensível e envolvente. Ao fazer isso, contribui para a democratização do conhecimento científico, aspecto discutido por autores como Bruno Latour, que enfatiza a importância da circulação do saber científico fora dos limites acadêmicos (LATOURE, 1988).

A produção enfrentou desafios significativos, como as limitações impostas pela pandemia de Covid-19, o que exigiu uma abordagem criativa no uso de ferramentas tecnológicas e metodologias da história oral para superar essas adversidades. Tais estratégias ressoam com o conceito de *etnografia digital* (HINE, 2000), que valoriza a adaptação da etnografia ao contexto digital e às limitações impostas pela distância física. O filme, ao preservar a memória de Berta, também fortalece sua contribuição para a antropologia brasileira no século XX e para a causa indígena, ressaltando a inseparável relação entre ciência, cultura e sociedade, tal como discutido por Clifford Geertz em sua obra *A Interpretação das Culturas* (GEERTZ, 1973).

Além disso, a trilha sonora atua como um agente narrativo essencial, enriquecendo e intensificando o impacto emocional da obra. A construção de uma trilha que dialoga com o conteúdo antropológico do filme ecoa a perspectiva de Michel Chion em *The Voice in Cinema* (CHION, 1999), onde o som é descrito como uma camada adicional de significado e emoção em produções audiovisuais. O uso de materiais audiovisuais diversos, como encenações, entrevistas e animações, aproxima o público da figura de Berta de forma multifacetada, criando uma experiência imersiva que transcende o formato documental tradicional.



RELICI

Ao circular por eventos e plataformas variadas, o documentário tem alcançado um público diverso, cumprindo seu objetivo de levar o conhecimento científico para além dos muros acadêmicos. Esse fenômeno pode ser associado ao conceito de *cultura participativa* (JENKINS, 2006), que ressalta como a mídia digital permite a ampliação do engajamento e da interação entre o conteúdo científico e as audiências contemporâneas.

Em síntese, *Para Berta, com Amor* se estabelece como um exemplo de como o audiovisual pode ser uma ferramenta poderosa de divulgação científica, promovendo um diálogo inclusivo e crítico entre ciência e sociedade. A experiência com o público infantojuvenil, que resultou na criação de uma apresentação artística inspirada no filme, ilustra o potencial transformador do cinema na educação. Esta interação fomenta o letramento científico e o pensamento crítico desde a infância, corroborando com a ideia de Paulo Freire sobre a educação como um processo dialógico e emancipatório (FREIRE, 1968).

Assim, o documentário não apenas homenageia uma grande antropóloga, mas também reforça a importância de manter viva a memória científica, cultural e política para as futuras gerações, atuando como um veículo de transmissão de saberes e valores fundamentais para a construção de uma sociedade mais consciente e reflexiva.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, L. "Writing Against Culture". In: **Recapturing Anthropology: Working in the Present**. Richard G. Fox (ed.). School of American Research Press, 1991.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013

AMORIM, Núbia. Alfabetização científica na Educação Infantil. **Revista Brasileira de Educação Básica**, v.7, n. 22, 2022. Disponível em: <http://rbeducacaobasica.com.br/2022/05/27/alfabetizacao-cientifica-na-educacao-infantil/>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025



RELICI

BLANK, Thais, CARNEIRO, Ninna, CASTRO, Celso, FONSECA, Vivian. "Entrevistando remotamente: notas sobre a experiência do CPDOC durante a pandemia da Covid-19". In: CASTRO, Celso, BLANK, Thais, FONSECA, Vivian (Org.). **História Oral e audiovisual: experiências no CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2023, pp. 178-184

BRASIL. **DECRETO No 1.775, DE 8 DE JANEIRO DE 1996**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1775.htm. Acesso em: 29 de janeiro de 2025

BRASIL. **LEI Nº 13.006, DE 26 DE JUNHO DE 2014**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13006.htm. Acesso em: 29 de janeiro de 2025

BUCCHI, Massimiano; TRENCH, Brian. **Handbook of Public Communication of Science and Technology**. Routledge, 2008

CHION, Michel. **Audio-Vision: Sound on Screen**. Columbia University Press, 1994

CHION, Michel. **The Voice in Cinema**. Columbia University Press, 1999

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. LTC, 1973

CLOUGH, Patricia Ticineto; HALLEY, Jean. **The Affective Turn: Theorizing the Social**. Duke University Press, 2007

ENCICLOPÉDIA BARSÁ UNIVERSAL. 3.ed. São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 2010

FARES, Khadyg. A Volta do manto tupinambá: restituição e colonialismo interno. **Revista Contemporary e América Latina**, 2024 Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/the-return-of-the-tupinamba-cloak-restitution-and-internal-colonialism/>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025

FRANÇA, Andressa de Almeida. **Divulgação científica no Brasil: espaços de interatividade na Web**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, 2015

FRANÇA, Bianca Luiza Freire de Castro. **"Uma civilização vegetal": a contribuição de Berta G. Ribeiro para a antropologia brasileira no século XX**. Tese (doutorado) – Escola de Ciência Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2023



RELICI

FRANÇA, Bianca Luiza Freire de Castro. As linguagens visuais da Amazônia urgente: artes indígenas e saberes ecológicos na vida-obra de Berta Gleizer Ribeiro. **Bérose - Encyclopédie internationale des histoires de l'anthropologie**, Paris, 2024. Disponível em: <https://www.berose.fr/article3655.html?lang=fr>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1968

GAGLIONI, Cesar. O que é divulgação científica. E como ela se transforma. **Nexo Jornal**, 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/08/24/o-que-e-divulgacao-cientifica-e-como-ela-se-transforma>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025

GONÇALVES, Marco Antonio. **O sorriso de Nanook: ensaios de antropologia & cinema**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2022

GORBMAN, Claudia. **Unheard Melodies: Narrative Film Music**. BFI Publishing, 1987

GRIERSON, John. **Grierson on documentary**. Ed. Forsythe Hardy. London: Faber & Faber, 1979

GRIERSON, John. "Flaherty's Poetic Moana", The New York Sun, 8 de Fev. In: Lewis Jacobs (ed.) **The documentary tradition**. 2nd ed., New York, London, W.W. Norton & Company, 1979 [1926], pp. 25-6

HALBERSTAM, J. **Trans: A Quick and Quirky Account of Gender Variability**. University of California Press, 2018

JENKINS, Henry. **Convergence Culture: Where Old and New Media Collide**. New York University Press, 2006

HOWES, David. **Sensual Relations: Engaging the Senses in Culture and Social Theory**. University of Michigan Press, 2003

INEP. **Letramento Científico**. S/d. Disponível em: https://download.inep.gov.br/download/internacional/pisa/2010/letramento_cientifico.pdf. Acesso em: 29 de janeiro de 2025

LATOUR, Bruno. **Science in Action: How to Follow Scientists and Engineers Through Society**. Harvard University Press, 1988



RELICI

LEÓN, B. Science documentaries and their coordinates. **Quaderns del CAC**, Catalunha. n.30, 2008, pp. 11-18

LIMA, Guilherme da Silva; GIORDAN, Marcelo. Entre o Esclarecimento e a Indústria Cultural: Reflexões sobre a Divulgação do Conhecimento Científico. in: TAVARES, Denise; REZENDE, Renata (org.) **Mídias & Divulgação Científica - Desafios e Experimentações em meio à Popularização da Ciência**. Rio de Janeiro: Ciências e Cognição, 2014, pp. 12-34

LORENZETTI, L.; DELIZOICOV, D. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. **Revista Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências**, v.3, n.1, 2001, pp. 37-50.

MORAN, Emílio F. **Adaptabilidade Humana: Uma Introdução à Antropologia Ecológica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994

PALCHA, Leandro Siqueira; MIRANDA, Breno Wendler; VOSCH, Daniel Nicolas Guimarães; DOMINICANO, Tamara Dias. O Documentário como Ferramenta de Divulgação Científica: O que Dizem as Pesquisas na Área de Educação em Ciências?. **TEAR: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, v.10, n.2, 2021.

PEREIRA, T. S., MONERAT, C. A. A., BORIM, D. C. D. E., ROCHA, M. B. O documentário como forma de divulgar Ciência: uma análise da obra “Quando éramos macacos”. **Terræ Didática**, v.17, 2021, pp. 1-9. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8665095/27161>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025

RIBEIRO, Berta G. **Diário do Xingu**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

RIBEIRO, Berta G. **A Itália e o Brasil Indígena**. Rio de Janeiro: Index Editora, 1983a

RIBEIRO, Berta G. **O índio na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Global, 1983b

RIBEIRO, Berta G. **O índio na Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Unibrade/BRADESCO, 1987

RIBEIRO, Berta G. **Amazônia Urgente: Cinco séculos de história e ecologia**. Editora Itatiaia/EDUSP, 1990

RIBEIRO, Berta G. Literatura Oral Indígena: O exemplo Desâna. **Ciência Hoje**. (pp. 32-41). Volume especial Amazônia, 1991



RELICI

RIBEIRO, Berta G. **Os Índios das Águas Pretas: Modo de produção e equipamento produtivo**. São Paulo: Cia das Letras/EDUSP, 1995

RIBEIRO, Berta G; RIBEIRO, Darcy. **Suma Etnológica Brasileira I: Etnobiologia Indígena**. Petrópolis: Vozes/Finep, 1986a

RIBEIRO, Berta G; RIBEIRO, Darcy. **Suma Etnológica Brasileira II: Tecnologia Indígena**. Petrópolis: Vozes/Finep, 1986b

RIBEIRO, Berta G; RIBEIRO, Darcy. **Suma Etnológica Brasileira III: Arte Índia**. Petrópolis: Vozes/Finep, 1986c

RIBEIRO, Darcy. **Confissões**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

RIBEIRO, Berta G.; T. Kenhíri. Chuvas e constelações. **Ciência Hoje**, v.36, 1987, pp. 26-35.

RIBEIRO, Berta G.; T. Kenhíri. (1991). Chuvas e Constelações: Calendário econômico dos índios Desâna. **Ciência Hoje**, Volume especial Amazônia, 1991, pp. 14-23

FILMOGRAFIA

A chegada do trem na estação (1895), de Louis e August Lumière. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RP7OMTA4gOE>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025

Vista da Baía de Guanabara (1898), de Affonso Segreto. Acesso em: 29 de janeiro de 2025

Nanook, o Esquimó (1922), de Robert Flaherty. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=g_rsKqoBrFY. Acesso em: 29 de janeiro de 2025

Moana (1926), Robert Flaherty. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c-MITdeCYEY>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025

Gaín Panã e a Origem da Pupunheira (1995), de Luiz Fernando Perazzo.

Vaxxed: From Cover-Up to Catastrophe (2016), de Andrew Wakefield.

Para Berta, com amor (2023), de Bianca Luiza Freire de Castro França. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=AQnRPRKZXog&t=83s&ab_channel=BiancaFran%C3%A7a. Acesso em: 29 de janeiro de 2025